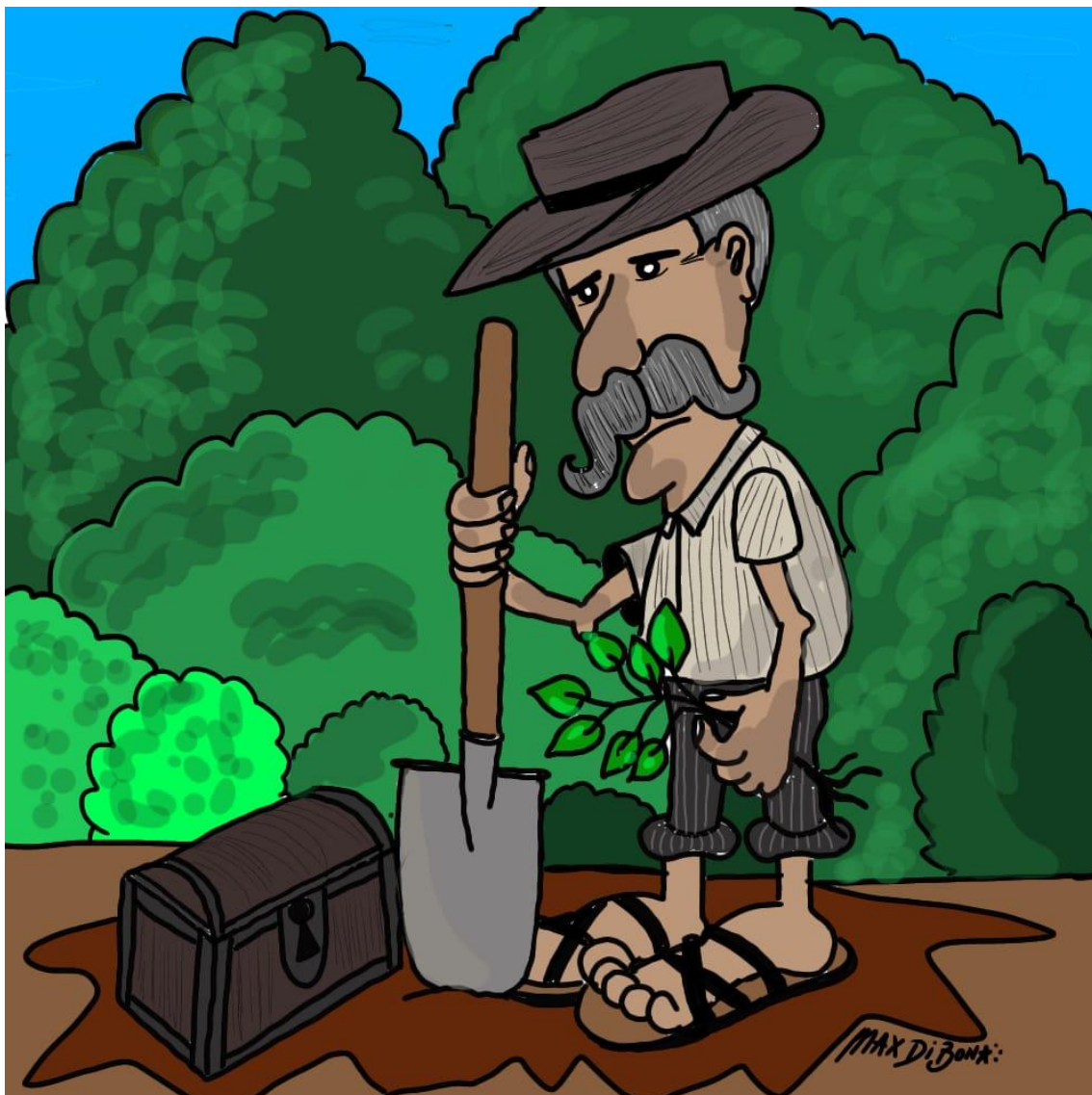


O TESOURO PERDIDO



A busca por tesouros é um tema que fascina muitas pessoas, talvez por isso inspire tantas histórias. Quem nunca sonhou em encontrar um tesouro com moedas de ouro ou coisas do tipo? Entre os mais antigos, as histórias de tesouro sempre faziam muito sucesso, com relatos que muitas vezes misturavam história, superstições e crenças. Eu adorava ouvir essas histórias com eventos sobrenaturais, fantasmas e coisas do tipo; o problema era dormir depois. Como era criança, quando caía a noite, vinha o medo de qualquer barulhinho, e o jeito era dormir no quarto dos meus pais. Nas conversas em família, lembro de uma história que ouvia de meus tios maternos.

Segundo os relatos, havia um homem chamado Ângelo que, desde criança, ouvia falar que seu nonno, com medo da guerra, enterrou alguns pertences da família, tendo morrido sem revelar o local. Ângelo sonhava encontrar o tesouro perdido e fez um pacto com seu irmão Antônio: aquele que morresse primeiro deveria voltar para revelar o local onde o tesouro se encontrava. Os anos se passaram, e as buscas eram em vão, até que um dia Antônio adoeceu e faleceu. Com o passar do tempo, as coisas não estavam boas para seu Ângelo, que passava por um momento financeiro delicado. Alguns credores estavam lhe cobrando dívidas e, para piorar, um de seus filhos necessitava de tratamento médico sem que pudessem pagar. Desesperado, Ângelo pensou por vezes em tirar a própria vida.

Em um final de tarde, enquanto fumava seu cigarro, mergulhado em angústia e com o olhar distante, Ângelo avistou uma bola de fogo que cortou o céu e caiu no alto de uma colina. O fenômeno se repetiu por mais três noites. No início, ele ficou assustado, mas no quarto dia lembrou-se do pacto que fez com seu irmão e interpretou que aquele era o sinal de Antônio, revelando o local onde o tesouro da família estava enterrado. No dia seguinte, logo cedo, seu Ângelo pegou uma pá e subiu a colina. O ponto onde a bola de fogo caía estava marcado com a grama queimada em torno de uma pedra. Resolveu cavar e, para sua surpresa, ali encontrou o tão sonhado tesouro dentro de um pote de barro, onde estavam algumas moedas e joias de ouro. Elas foram suficientes para quitar suas dívidas e pagar o tratamento de seu filho.

Os mais velhos eram muito supersticiosos; para muitos, o sagrado e o sobrenatural se misturavam com as leis naturais em crenças e costumes. Diferentes sinais da natureza eram interpretados como presságios de algo. Uma estrela cadente, um arco-íris, um raio poderiam ser vistos como possíveis avisos do além, quem sabe para marcar o ponto de um tesouro. Nas terras de meu nonno materno, no Patrimônio, existe uma cachoeira enorme. Perto do topo, em um local inacessível, minha mãe diz ser possível observar uma pedra onde uma forma parecida com um garrafão, marcada com um "X", parece ter sido gravada por alguém. Meu nonno acreditava que pudesse haver um tesouro guardado ali e sonhava com uma forma de chegar até o local.

De todas as histórias de tesouros que ouvi, uma em especial sempre me chamou a atenção por se passar em uma comunidade vizinha à que moro e, principalmente, por ter como base uma cronologia em torno de fatos históricos reais. É a história do tesouro da família Magagnin. A família Magagnin foi uma das primeiras

a se estabelecer na comunidade de São Geraldo, em Siderópolis. A exemplo de outras famílias de origem italiana, quando os imigrantes chegaram àquelas terras, o local era de mata fechada, com a presença de animais selvagens e de índios que já habitavam as redondezas. Foi preciso, com muito sacrifício e determinação, começar a vida do zero: derrubar a mata, trabalhar a terra, construir as casas. Muitos dos imigrantes deixavam sua pátria-mãe com a ideia de que aqui ganhariam terras onde poderiam viver tranquilamente. Mas o sonho virou pesadelo para muitos, que, em terras distantes, se viram "largados" no meio do mato, praticamente sem nenhuma estrutura e apoio, contando apenas com o próprio trabalho.

Com muito esforço, as terras começaram a produzir, e as famílias passaram a prosperar. No entanto, a partir da década de 1940, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, lutando exatamente contra a Itália, o governo brasileiro passou a reprimir a difusão da cultura italiana no país. Entre outras medidas, estava proibido falar no dialeto italiano em repartições e estabelecimentos públicos. Foi nesse contexto, por exemplo, que em 1943 a cidade precisou trocar o nome de Belluno para Siderópolis. Imaginem a angústia dos imigrantes que deixaram tudo para trás na Itália, em busca da terra prometida, e agora, que as coisas estavam melhores, passaram a ser perseguidos pela pátria que antes os acolhera. Apesar do decreto, a vida no interior se mantinha tranquila, afinal, a maioria das famílias era de origem italiana, e viviam em um sistema de subsistência baseado na agricultura, onde produziam boa parte do que precisavam. O problema era acessar serviços como bancos, por exemplo, já que toda aquela gente falava apenas o dialeto italiano e pouco tinha contato com a língua portuguesa. Enviar uma carta, solicitar um empréstimo, frequentar a escola, podia ser arriscado, pois estava proibido falar o dialeto, e se fossem delatados, poderiam sofrer as consequências.

Minha nonna Maria Rosa Durante Neotti (em memória) contava que, nessa época, estudava no primário e passou por apuros. Sua professora não tolerava que o decreto federal fosse descumprido, repreendendo e castigando quem desobedecesse a ordem. Nonna Maria só falava o dialeto italiano, que era a língua que ela aprendeu em casa. As poucas palavras em português que aprendeu até então foram na escola. Um certo dia, a professora pediu a ela que fosse à rua procurar alguns gravetos, e ela ficou apavorada: primeiro, porque não sabia o que era um graveto; e segundo, porque também não poderia perguntar, já que teria que usar o dialeto, e se perguntasse, sabia

que seria castigada. Imaginem a angústia de uma criança que se via sem saída; o jeito foi chorar sem dizer uma palavra.

É nesse contexto que se passa a história. Dizem que, naquela época, rolavam boatos de que o governo federal passou a perseguir e confiscar os bens dos imigrantes italianos para financiar os custos da guerra. O velho Magagnin, com medo de que o governo confiscasse seus bens acumulados com anos de trabalho árduo, resolveu reunir os pertences mais valiosos da família, como alguns anéis, correntes e moedas de ouro e prata, colocou-os em um pequeno baú e os enterrou em meio à mata virgem. Para marcar o local exato, plantou uma figueira; lá, os pertences estariam seguros e, quando a guerra acabasse, ele poderia desenterrá-los. Acontece que o velho adoeceu e faleceu antes do final da guerra, sem revelar o local exato para a família, que procurou, mas nunca encontrou o local marcado com a figueira.

Com o passar dos anos, as novas gerações já não davam tanta importância para essa história, e muitos já duvidavam do fato. No entanto, em meio à mata, uma figueira cresceu, destacando-se entre as árvores, sendo visível de longe, e o mais intrigante é que, segundo relatos, seu tronco forma uma figura parecida com a de um velho. Até onde sei, nunca ninguém ousou cavar atrás do tesouro.

Quando era criança, sonhava em conseguir um detector de metais e montar uma expedição, mas desisti quando ouvi histórias de que espíritos protegem o local, e relatos de que os que se aventuraram a passar por perto da figueira disseram que coisas estranhas acontecem com todos que se aproximam dela. Já ouvi dizer que a mata é misteriosa, que as pessoas se perdem facilmente lá dentro, perdem o senso de localização, tendo a impressão de sempre estarem andando em círculos, voltando para o mesmo lugar.

Embora a história do tesouro dos Magagnin ganhe elementos sobrenaturais em suas narrativas, além do embasamento histórico, o fato de existirem vários relatos de pessoas que já encontraram moedas e tesouros em locais marcados com uma figueira, inclusive aqui em Santa Catarina, traz ainda mais credibilidade à história. Até hoje, não criei coragem de ir em busca do tesouro, mas quem sabe um dia eu acabe com o mistério e conte para vocês o desfecho!

Narrador e ilustrador: Macsuel De Bona, Historiador, Pós-graduado em Patrimônio Cultural.